

P.C. CAST + KRISTIN CAST



# juramento de dragão

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

*Tradução de Susana Serrão*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



Aos nossos leitores Guerreiros  
– adoramo-los a todos!



Como sempre, gostaríamos de agradecer à nossa agente e amiga, Meredith Bernstein, sem a qual a Casa da Noite não existiria.

Obrigada à nossa maravilhosa família na St. Martin's Press!

Um agradecimento muito especial à nossa amiga Kim Doner, quem criou a arte mágica para esta novela. Foi um verdadeiro prazer ver esta história tomar forma no talento do lápis dela!





## PRIMEIRO CAPÍTULO

### *Oklahoma, atualidade*

A raiva e a confusão agitavam-se no âmago do Dragão Lankford. Mas Neferet ia sair dali tão depressa depois da morte do rapaz e da visita cataclísmica da Deusa?

— Neferet, e o corpo do iniciado? Não continuamos em vigília? — O Dragão Lankford fez um esforço para manter a voz calma e o tom neutro quando se dirigiu à sua Sumo-Sacerdotisa.

Neferet virou os bonitos olhos cor de esmeralda para ele. E sorriu manhosamente.

— Tens razão em recordar-mo, Mestre de Esgrima. Aqueles de entre vós que honraram o Jack com velas púrpura, deem-nas na pira antes de se irem embora. Os Guerreiros Filhos de Erebus farão vigília ao corpo do pobre iniciado o resto da noite.

— Como te aprouver, Sacerdotisa. — O Dragão fez uma vénia pronunciada, a pensar por que razão estaria a sentir formiguesco na pele – quase como se estivesse coberto de terra e suji-

dade. Sentiu um desejo súbito de tomar banho em água muito, muito quente. *Foi Neferet*, disse-lhe a consciência baixinho. *Ela não tem estado bem desde que Kalona irrompeu das profundezas da terra. Tu costumavas sentir isso...*

O Dragão abanou a cabeça e retesou o maxilar. Os acontecimentos periféricos não interessavam. Os sentimentos já não importavam. O dever abrangia tudo – a vingança era vital. *Concentração! Tenho de me concentrar na missão!*, ordenou a si mesmo, e depois fez rapidamente sinal com a cabeça para determinados Guerreiros.

— Dispersem a multidão!

Neferet parou para falar com Lenóbia antes de sair do centro do campus e de se encaminhar para os aposentos dos professores. O Dragão mal olhou para ela. Antes pelo contrário, dedicou atenção à pira funerária e ao corpo ardente do rapaz.

— A multidão está a dispersar, Mestre de Esgrima. Quantos de nós devem ficar na vigília contigo? — perguntou Christophe, um dos oficiais superiores.

O Dragão hesitou antes de responder, aproveitou o momento para se centrar, como que a assimilar o facto de iniciados e professores, que se mexiam em redor da pira ardente, estarem obviamente agitados e completamente transtornados. *O Dever. Quando tudo o resto falha, abraçamos o dever!*

— Manda dois guardas escoltarem os professores até aos seus aposentos. Os restantes de vós acompanhem os iniciados. Assegurem-se de que voltam todos aos seus quartos. Depois fiquem perto dos dormitórios o resto desta noite terrível. — A voz do Dragão estava rouca da emoção. — Os alunos precisam de sentir a presença protetora dos seus Guerreiros Filhos de Erebus para que não duvidem da sua segurança, pelo menos, mesmo que duvidem de tudo o resto.

— Mas o corpo ardente do menino...

— Eu fico com Jack. — O Dragão falou num tom que não permitia interferência. — Não deixarei o corpo do rapaz até que

## juramento de dragão

a radiância rubra da pira fique reduzida a cinzas. Cumpre o teu dever, Christophe; a Casa da Noite precisa de ti. Eu tratarei da tristeza que permanece aqui.

Christophe curvou a cabeça e depois começou a dar ordens, para fazer cumprir as do Mestre de Esgrima, com uma eficiência fria.

Parecia que tinham decorrido meros segundos quando o Dragão se apercebeu de estar só. Ouvia-se o ruído da pira ardente – o crepitar do fogo, enganosamente tranquilizador. Tirando isso, só se ouvia a noite e a amplitude desolada do coração do Dragão.

O Mestre de Esgrima contemplou as chamas como se pudesse descobrir nelas o bálsamo que apaziguaria a dor dentro de si.

O fogo tremeluziu em tons de âmbar e ouro, ferrugem e carmim, e fez o Dragão lembrar-se de uma delicada peça de joalheria – única, magnífica, presa com uma fita de veludo da cor do sangue fresco...

Como se tivesse vontade própria, a mão dele foi ao bolso. Os dedos fecharam-se sobre o disco oval que lá encontraram. Era elegante e liso. Ele sentia apenas o mais leve vestígio do melro-azul que lá estivera gravado com tanta nitidez e beleza. O objeto de ouro aninhava-se na mão dele. O Dragão sopesou-o, protegeu-o, segurou-o, antes de tirar a mão do bolso e o medalhão com ela. Enrolou os dedos na fita de veludo, alisou-a com o polegar num gesto familiar e absorto que era mais fruto do hábito do que da vontade. Depois exalou, mais um soluço do que um suspiro, abriu a palma da mão e olhou para baixo.

A luz da pira funerária de Jack incidiu na superfície dourada do medalhão, e apanhou a gravura do melro-azul.

— A ave do Estado do Missouri. — O Dragão falou em voz alta, desprovida de emoção, embora a mão que encerrava o medalhão lhe tremesse. — Pergunto-me se ainda te podem encontrar em liberdade, empoleirada nos girassóis com vista para o

rio. Ou se a tua beleza e a dessas flores já morreu também, junto com tudo o que é belo e mágico neste mundo... — A mão dele fechou-se sobre o medalhão, segurando-o com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

Nisto, tão depressa quanto fechara, o Dragão abriu a mão e rodou o objeto oval dourado uma e outra vez, com reverência.

— Tolo! — A voz saía-lhe entrecortada. — Podias tê-lo quebrado! — Os dedos trémulos atrapalharam-se com o fecho mas, quando finalmente o abriu, o medalhão exibiu-se facilmente, incólume, a gravura ínfima que, embora desvanecida pelo tempo, ainda era a do rosto sorridente da vampyra delicada, cujo olhar parecia prender o dele.

— Como pudeste ir-te embora? — murmurou o Dragão. Um dedo percorreu o retrato antigo do lado direito do medalhão, e depois passou à metade esquerda da joia, para acariciar o caracol louro aninhado no espaço vazio onde outrora estivera uma fotografia dele em jovem. O olhar do Dragão elevou-se para o céu noturno, e ele repetiu a pergunta em voz mais alta, saída da alma, suplicante de resposta: — Como pudeste ir-te embora?

Como que em resposta, o Dragão ouviu ecos no ar da noite, o crocitar inconfundível de um corvo.

A raiva assolou o Dragão, com tanta intensidade que as mãos lhe voltaram a tremer – mas desta vez não era da perda e da dor; o Dragão tremia todo ele com o ímpeto mal controlado de atacar, de estropiar, de vingar.

— Hei de vingá-la. — A voz do Dragão era como a morte. Olhou para o medalhão outra vez e falou para o caracol louro cintilante nele guardado. — O teu dragão há de vingar-te. Hei de corrigir o mal que permiti. Não farei o mesmo erro outra vez, meu amor, minh'alma. A criatura não ficará impune. Essa é a minha jura para contigo.

Levantou-se uma rajada de vento quente vinda da pira funerária. O caracol de cabelo elevou-se no ar e, enquanto o Dragão tentava apanhá-lo, em vão, subiu, subiu na voluta de ar, qua-

## juramento de dragão

se como uma pluma. Ficou a pairar e depois, com um som que mais parecia a exclamação surpreendida de uma mulher, o vento quente mudou, inspirou, sorveu o caracol para dentro da pira ardente, onde o reduziu a fumo e recordação.

— Não! — exclamou o Dragão, e tombou de joelhos a soluçar. — E agora perdi o que me restava de ti. *Mea culpa...* — disse ele desolado. — A culpa é minha, tal como é minha a culpa pela tua morte.

Entre as lágrimas que lhe marejavam os olhos, o Dragão ficou a ver o fumo do caracol de cabelo da sua amada rodopiar e dançar diante dele – e depois começar a cintilar como que por magia; já não era fumo mas sim uma poeira verde, amarela e castanha em centelhas que continuavam a girar sobre si até finalmente se separarem e formarem as partes distintas de uma imagem: as centelhas verdes transformaram-se num caule comprido e robusto – as pétalas amarelas de uma flor delicada começaram a formar uma corola, e os pontinhos castanhos o centro.

O Dragão secou as lágrimas, não podia acreditar no que os seus olhos viam.

— Um girassol? — Sentia os lábios dormentes com o choque, e o cérebro também. *A flor dela!*, gritava-lhe a mente. *Deve ser um sinal dela!* — Anastasia! — chamou o Dragão, e a dormência deu lugar a uma onda de esperança terrível e maravilhosa. — Estás aqui, minh'alma?

A imagem do girassol cintilante começou a ondular e a alterar-se. O amarelo derramou-se numa cascata dourada. O castanho aclarou e ficou da cor da pele beijada pelo sol, e o verde derreteu-se nessa pele, a girar e a metamorfosear-se em globos brilhantes que culminaram em olhos cor de turquesa, familiares e queridos.

— Oh, Deusa, Anastasia! És tu! — A voz do Dragão embargou-se-lhe quando ele estendeu a mão. Mas a imagem sumiu-se – era apenas um fulgor enganoso quase na ponta dos dedos dele. O Dragão berrou de frustração e depois reprimiu o barulho da

sua tristeza quando a voz da sua parceira começou a soar à volta dele como uma torrente melodiosa sobre seixos muito lisos. O Dragão deixou de respirar e atentou naquela mensagem fantasmática.

*Para ti, minh'alma, lancei um sortilégio neste medalhão.  
Chegou o dia em que a morte nos separou, Dragão.  
Espero por ti para sempre e guardo o nosso amor no coração.  
Lembra-te de que a tua jura é de moderar a força com a brandura.  
Estamos separados mas a tua jura no tempo perdura... perdura... perdura...*

A imagem sorriu-lhe uma vez antes de perder forma e de voltar a ser fumo e depois a ser nada.

— A minha jura! — bradou o Dragão, e levantou-se. — Primeiro Nyx e agora tu a lembrarem-me da minha jura. Não compreendem que foi por causa dessa jura maldita que tu morreste? Se eu tivesse escolhido de outro modo há muitos anos, talvez tivesse impedido que tudo isto acontecesse. A força moderada pela brandura foi um erro. Não te recordas, minh'alma? Não te recordas? Eu sim. Nunca me esquecerei...

Enquanto o Dragão Lankford, Mestre de Esgrima da Casa da Noite, permanecia de vigília ao corpo de um iniciado vencido, contemplou a pira ardente e deixou que as labaredas o levassem a rememorar a dor e o prazer – a tragédia e o triunfo – de um passado que moldara aquele futuro devastador.







## SEGUNDO CAPÍTULO

*1830, Inglaterra*

— Pai, não podeis deserdar-me e banir-me para as Américas! Sou vosso filho! — Bryan Lankford, terceiro filho do Conde de Lankford, abanava a cabeça e olhava incrédulo para o pai.

— És o meu terceiro filho. Tenho mais quatro, dois mais velhos e dois mais novos. Não há nenhum que cause tantos sarilhos como tu. A existência deles e o teu comportamento facilitam-me deveras a decisão.

Bryan não ligou ao choque e ao pânico que as palavras do pai ameaçavam lançar dentro dele. Mostrou-se descontraído – encostado com ar desprendido à porta da cocheira que lhe estava mais próxima, a brindar o Conde com o sorriso típico de Bryan Lankford, cavalheiro que as mulheres achavam irresistível e por isso o queriam seduzir, e que os homens achavam encantador e por isso o queriam imitar.

O semblante sombrio e inalterável do Conde indicava que

ele conhecia muito bem o sorriso típico de Bryan Lankford – e que não se deixava nada afetar.

— A minha decisão está tomada, rapaz. Não te envergonhes ainda mais a pedinchar.

— Pedinchar! — Bryan sentiu uma raiva muito sua conhecida a avolumar-se. Porque é que o pai tinha sempre de o apoucar? Nunca pedinchara coisíssima nenhuma na vida – não era agora que iria começar, fossem quais fossem as consequências. — Não estou a pedinchar, meu pai. Estou simplesmente a tentar fazer-vos ver.

— Fazer-me ver? Tornaste a envergonhar-me devido ao teu mau génio e à tua espada, e pedes-me que veja o quê?

— Pai, não passou de uma pequena alteração, e foi com um escocês! Nem sequer o matei. Na verdade, feri-lhe mais a vaidade do que o corpo. — Bryan tentou rir-se, mas só conseguiu ter um ataque de tosse, outro dos muitos que já tivera naquele dia, mas desta vez seguido de uma onda de fraqueza. Ficou tão distraído com a traição que o corpo lhe fazia que nem resistiu quando o pai franqueou o espaço que os separava, o agarrou pelo pescoço e o empurrou contra a parede do estábulo com tal força que o pouco fôlego que restava a Bryan o abandonou de rajada. Com a outra mão, o Conde arrancou a espada ainda ensanguentada da mão vacilante do filho.

— Seu fanfarrão! O escocês é dono da propriedade que nos faz extrema, como muito bem sabes, assim como sabes que a filha dele e a cama dela ficam a um dia de distância a cavalo! — A cara do Conde estava muito corada, e tão perto da do filho que o cuspiu todo. — E agora os teus atos impetuosos deram-lhe as provas de que precisa para ir ao tolo do novo rei exigir compensação pelo desfloramento da filha.

— Desfloramento! — conseguiu Bryan dizer em voz sufocada. — Isso aconteceu a Aileene muito antes de eu lá chegar.

— Irrelevâncias! — O Conde apertou mais a mão de ferro com que segurava o filho pelo pescoço. — A relevância está em

## juramento de dragão

teres sido o tolo apanhado entre as pernas dela, e agora o fracote do rei tem a desculpa perfeita para fazer vista grossa quando os clãs ladrões do Norte vierem ao Sul em busca de gado para roubar. Filho meu, de quem será o gado mais afetado, não me dirás?

Bryan só pôde tentar sorver ar e abanar a cabeça.

Com um olhar de desprezo, o Conde de Lankford largou o filho, o qual caiu com estrondo, a tossir violentamente, no chão de terra batida do estábulo. Depois o nobre fez sinal aos guardas de casaca vermelha que assistiam impávidos à desgraça do filho, e escolheu um veterano com marcas de bexigas na cara.

— Jeremy, como já dei ordem, amarrem-no bem como o ímpio que ele é. Escolham mais dois homens para os acompanhar. Levem-no para o porto, ponham-no no próximo navio que partir para as Américas. Nunca mais quero vê-lo. Deixou de ser meu filho. — Depois fez sinal para o moço de estrebaria. — Traz-me o meu cavalo. Já desperdicei um tempo precioso nesta tolice.

— Pai! Esperai, eu... — começou Bryan, mas teve outro ataque de tosse e não conseguiu dizer mais nada.

O Conde só parou o tempo de contemplar o filho com toda a sobrançeria.

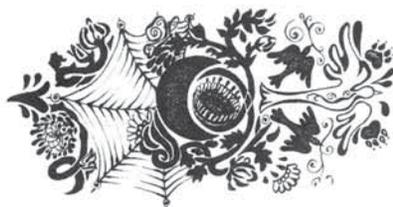
— Como já expliquei, tu és excedentário e já não tenho de me ralar contigo. Levem-no daqui!

— Não me podeis mandar embora desta maneira! — berrou ele. — Vou viver de quê?

O pai esticou o queixo, a apontar para a espada de Bryan, caída no chão perto dele. Tinha-lha oferecido quando aquele filho precoce fizera treze anos e, mesmo à luz fosca do estábulo, as pedras preciosas do punho cintilavam. — Talvez te seja mais útil na tua nova vida do que foi para mim na antiga. Deixem-no levar a espada — disse ele aos guardas — e nada mais. Tragam-me o nome do navio e a marca do comandante para eu ter a prova de que ele saiu de Inglaterra. Despachem-no antes do raiar do dia e terão uma bolsa de prata à espera para dividirem — rematou o velho, e depois avançou para a montada que o aguardava.

Bryan Lankford tentou gritar com o pai – dizer-lhe que ele ainda se iria arrepender, quando se recordasse de que o terceiro filho era, deveras, o mais rebelde, mas também o mais talentoso, mais inteligente, mais interessante aos dezassete anos – mas outro ataque de tosse assolou-o e Bryan não fez mais do que arquejar e ver o pai galopar para longe dali. Nem sequer conseguiu debater-se como queria quando a guarda do pai o amarrou e arrastou pelo chão dos estábulos.

— Já não era sem tempo que baixassem a crista a um galaró como tu. Vamos ver se gostas de ser plebeu. — A galhofar de sarcasmo, Jeremy, o guarda mais velho e mais pomposo, atirou-o para o fundo da carroça das galinhas, foi apanhar a espada de Bryan e, com um olhar calculista para o punho cintilante, enfiou-a na própria cinta.



Quando Bryan chegou ao porto, já a noite caíra, no mundo que o rodeava e no seu coração. Como se não bastasse o pai tê-lo deserdado e expulsado da família e de Inglaterra, era cada vez mais evidente que ele estava tomado de uma qualquer peste horrorosa. Será que esta não tardaria a matá-lo? Antes de se ver livre daquela doca malcheirosa, ou morreria depois de ser arrastado para um dos navios mercantes que balouçava na água negra da baía?

— Nã' vou embarcar n'hum bardamerdas cheio de pulmoeira. — O comandante do navio levantou mais o archote e examinou o rapaz amarrado que não parava de tossir. — Nã. — Fez má cara e abanou a cabeça. — Nã' vai passar as águas comigo.

— É filho do Conde de Lankford. Se não o quiseres, há de responder a Sua Senhoria — resmungou o veterano da guarda do Conde.

## juramento de dragão

— Nã' vejo conde n'hum aqui. Vejo um moço todo borrado com as sezões. — O marujo cuspiu para a areia. — E nã' hei de responder a ninguém, muito menos condes que nã' existem, se estiver morto da moléstia deste fedelho.

Bryan tentou abafar a tosse – não era para agradar ao comandante, mas sim para acalmar o ardor que sentia no peito. Estava a sustar o fôlego quando o homem saiu das sombras, alto, magro, todo vestido de preto, a pele pálida em acentuado contraste com o negrume que parecia rodeá-lo. Bryan pestanejou, a pensar que a febre já lhe toldava a vista – aquilo era mesmo uma meia-lua tatuada no meio da frente do homem, rodeada de mais tatuagens? Bryan tinha a vista desfocada, mas quase de certeza que as tatuagens eram floretes cruzados. Depois o raciocínio aliou-se aos olhos de Bryan e ele reconheceu o que via. Uma meia-lua e outras tatuagens só podiam significar uma coisa: não era homem nenhum, era um vampyro!

Foi então que a criatura levantou a mão com a palma virada para Bryan. O rapaz olhava pasmado para a espiral que ele lá tinha, e o vampyro proferiu palavras que mudariam a vida de Bryan para sempre.

— Bryan Lankford! Foste Escolhido pela Noite! A morte será o teu nascimento. A Noite chama-te; ouve a Sua doce voz. O teu destino espera-te na Casa da Noite!

O dedo comprido da criatura apontou para Bryan e a testa dele explodiu de dor quando sentiu na pele o contorno tatuado de uma meia-lua, como um ferro em brasa.

Os homens do Conde reagiram de imediato. Largaram Bryan e afastaram-se dele, a olharem horrorizados para o rapaz e para o vampyro. Bryan reparou que o comandante do navio deixara o archote a apagar-se caído na areia e desaparecera na escuridão do molhe.

Bryan não viu nem ouviu o vampyro a acercar-se – só viu os guardas a mexerem-se, nervosos, a agruparem-se atrás de Jeremy, as espadas quase desembainhadas, a indecisão estampada

nas caras e nos atos. A reputação dos guerreiros vampyros era esmagadora. Eram muito procurados como mercenários mas, tirando a beleza e a força das suas mulheres, e o facto de adorar uma Deusa tenebrosa, pouco se sabia da sua sociedade e existência. Bryan viu Jeremy tentar decidir se aquela criatura, obviamente aquilo a que os vampyros chamavam Caça-Cabeças, também seria um perigoso guerreiro vampyro. Depois sentiu agarrarem-no com toda a força por um braço, e foi içado no ar para contemplar a criatura.

— Voltem para onde vieram. Este rapaz agora é iniciado vampyro Marcado, e já não é da vossa responsabilidade. — O vampyro falava com um sotaque estranho, arrastava as palavras quase com languidez, o que só aumentava a aura de mistério e perigo que o rodeava.

Os homens hesitaram, olharam todos para o guarda veterano, e este falou depressa, conseguindo soar arrogante e beligerante ao mesmo tempo.

— Precisamos de levar a prova ao pai em como o filho saiu de Inglaterra.

— Não me interessa do que precisam — retrucou o vampyro solenemente. — Digam ao pai do rapaz que ele embarcou num navio esta noite, embora um navio mais negro do que os humanos pensam. Não tenho tempo nem paciência para dar mais provas além da minha palavra. — Depois olhou para Bryan. — Vem comigo. O teu futuro espera-te. — O vampyro sacudiu o manto negro, virou-se e começou a descer a doca.

Jeremy esperou até que a criatura fosse engolida pela escuridão. Depois encolheu um ombro, olhou para Bryan com desprezo, e disse:

— A nossa missão está cumprida. Sua Senhoria mandou que lhe puséssemos o fedelho num navio, e é para lá que ele vai. Vamos sair deste fedor a peixe e voltar à cama quente que deixámos na Mansão Lankford.

Os homens viraram-se quando Bryan se endireitou. Demo-

## juramento de dragão

rou apenas um instante a inspirar fundo e a saborear o alívio que sentiu quando a tosse sufocante e debilitante não o atacou. Depois avançou e falou numa voz que voltara a ser forte e firme:

— Tens de me deixar a minha espada.

Jeremy parou e encarou Bryan. Devagar, tirou a espada de onde a escondera à cinta. Não ligou a Bryan e pôs-se a admirar o punho incrustado de pedras preciosas. Foi com um sorriso calculista e um olhar frio que se virou finalmente para Bryan.

— Fazes alguma ideia da quantidade de vezes que o teu pai me mandou sair da cama quente para te ir buscar a uma rixa qualquer em que te tinhas metido?

— Não, não faço — respondeu Bryan secamente.

— Claro que não fazes. Vocês nobres só querem saber do vosso gozo. Portanto agora que foste deserdado e já não és nobre, vou ficar eu com esta espada, e o dinheiro da venda vai dar-me muito jeito. Pensa nisso como pagamento do estorvo que tens sido estes anos todos.

Bryan sentiu um assomo de raiva, e com ela um surto de calor pelo corpo todo. Instintivamente, o rapaz franqueou a distância entre ele e o guarda arrogante. Bryan soube algures na sua cabeça que se estava a movimentar com uma rapidez sobrenatural, mas continuou concentrado na única ideia que o movia: *A espada é minha – ele não tem direito nenhum sobre ela.*

Num só movimento que pareceu desfocado aos olhos humanos, Bryan arrancou a espada da mão de Jeremy e apanhou-a. Quando os outros dois guardas avançaram, Bryan agachou-se e espetou a ponta da espada nos ossos do pé do mais próximo, e o guarda dobrou-se sobre si e tombou no chão, agonizante. Bryan recompôs-se ato contínuo e, mudando de direção, bateu com a lâmina na cabeça do outro guarda e deixou-o atordoado. Bryan mexia-se com uma graciosidade mortífera, ao ritmo da sua espada, a girar, e acabou com a ponta afiada da lâmina firmemente apoiada no pescoço de Jeremy, e dele começaram a brotar gotinhas de sangue.

— Esta espada é minha. Não tens direito algum à sua posse. — Bryan ouviu a própria voz enunciar o pensamento que lhe ocupava a mente, e ficou admirado por soar com normalidade – nem sequer estava ofegante. Não havia maneira de Jeremy ou os outros guardas caídos saberem que tudo dentro dele ardia de raiva, indignação e necessidade de vingança. — Agora diz-me porque é que não te hei de cortar o pescoço?

— Corta. Mata. O teu pai é uma víbora, e, mesmo deserddo, és a serpente que ele engendrou.

Bryan ia matá-lo. Queria matá-lo – a raiva e o orgulho assim o exigiam. Porque é que não havia de o matar? O guarda não passava de um camponês, insultara-o, a ele, filho de um conde! Mas antes que Bryan pudesse degolar o guarda, as palavras do vampyro cortaram o ar entre eles.

— Não me apraz ser perseguido e, quiçá, interrogado pela Marinha britânica. Deixa-o viver. A sina dele, de voltar a servir a quem despreza, será maior castigo do que uma morte rápida.

Ainda com a ponta da espada no pescoço do guarda, Bryan olhou para trás de si, para o vampyro. A criatura falara com uma voz tão calma que quase parecia entediada, mas toda ela estava concentrada no pescoço do guarda e nas gotinhas escarlates que a lâmina de Bryan causara. O desejo óbvio do vampyro intrigou e horrorizou o rapaz. *É nisto que me vou transformar?*

Bryan empurrou o guarda para longe.

— Ele tem razão. A tua vida é castigo maior do que a minha espada. Volta para ela e para a amargura com que a vives. — Sem olhar mais para o homem, Bryan virou costas e dirigiu-se para o vampyro.

Este inclinou a cabeça em assentimento.

— Fizeste a escolha acertada.

— Ele insultou-me. Devia tê-lo matado.

O vampyro inclinou a cabeça para um lado como se ponderasse na solução de um problema.

— Foi por te chamar serpente que te sentiste insultado?

## juramento de dragão

— Bem, sim. Chamou-me mimado e tentou roubar-me, o que também me insultou.

O vampyro riu-se baixinho.

— Não é insulto que nos chamem serpente. São criaturas aliadas da nossa Deusa, embora eu não creia que ele tenha acertado no epíteto. Eu vi-te levar a melhor àqueles homens. Tu atacas mais como dragão do que como serpente. — Bryan pestanejou, confuso, e ele continuou: — E os dragões estão acima dos insultos mesquinhos que os humanos lhes entendem lançar.

— Há dragões na América? — Bryan deu voz ao primeiro dos pensamentos baralhados que lhe enchiam a mente.

O vampyro riu-se outra vez.

— Não te constou? A América está cheia de maravilhas. — Depois fez um gesto abrangente, para o fundo do molhe. — Vamo-nos daqui para que as possas descobrir. Já passei tempo bastante nestas paragens arcaicas. As minhas recordações de Inglaterra não eram boas, e não houve nada do que encontrei enquanto esperava por ti que mas tivesse embelezado. — O vampyro começou a descer a doca e Bryan quase teve de se lançar em passo de corrida para o poder acompanhar.

— Disseste que estiveste à minha espera?

— Disse, e estive — respondeu ele, ainda a avançar a passo decidido pelo molhe.

— Conhecias-me?

O vampyro assentiu, e o cabelo castanho e comprido encobriu-lhe o rosto.

— Sabia que havia um iniciado aqui que eu tinha de esperar para Marcar. — Olhou para Bryan e os lábios curvaram-se num ligeiro sorriso. — Tu, jovem dragão, és o último iniciado que jamais Marcarei.

Bryan franziu o sobrolho.

— O teu último iniciado? O que está a acontecer-te? — Tentou não soar preocupado. Afinal, mal conhecia o vampyro. E a criatura era um *vampyro*: misterioso, perigoso e estranhamente cativante.

O sorriso do vampyro abriu-se mais.

— Terminei o meu serviço de Caça-Cabeças de Nyx, e agora posso voltar ao meu cargo de Guerreiro Filho de Erebus na Casa da Noite de Tower Grove.

— Tower Grove? Fica na América? — Bryan sentiu um aperto no estômago. Quase se esquecera que o seu mundo ficara de cabeça para baixo em menos de um dia.

— Fica, de facto, na América. St. Louis, no Estado do Missouri, para ser mais concreto. — O vampyro chegara ao fim daquele molhe comprido – a ponta mais imersa na obscuridade, reparou Bryan, e ouviu as tábuas de um navio a rangerem e a água a bater no casco mas, por mais que se esforçasse, não conseguia ver mais do que uma sombra imponente a balouçar na água. Reparou que o vampyro parara a seu lado e o observava atentamente. Bryan encarou-o, embora sentisse o corpo como uma mola pronta a soltar-se a qualquer momento.

— Chamo-me Shaw — disse finalmente o vampyro, e estendeu a mão para Bryan.

— Sou Bryan Lankford. — Bryan calou-se e depois conseguiu fazer um sorriso meio sarcástico. — *Era* filho do Conde de Lankford, mas isso tu já sabes.

Quando Shaw pegou na mão que Bryan lhe estendia, fê-lo no gesto tradicional de saudação vampyrica, agarrando o antebraço e não apenas a mão. Bryan imitou-o.

— Feliz encontro, Bryan Lankford — declarou Shaw. Depois largou o braço do rapaz e fez um gesto para a escuridão e o navio que estava oculto nela. — Esta é a Nave da Noite, que me vai levar, e talvez a ti também, para a América, e a minha querida Casa da Noite de Tower Grove.

— A mim talvez também? Mas pensei...

Shaw ergueu uma mão, para o calar.

— Tu deves, de facto, entrar numa Casa da Noite e depressa. Essa Marca — Shaw apontou para o contorno da meia-lua cor de safira que ainda ardia no meio da testa de Bryan — significa

## juramento de dragão

que tens de estar na companhia de vampyros adultos até passares pela Mudança completa para vampyro ou... — Shaw hesitou.

— Ou morro — disse Bryan para o silêncio.

Shaw assentiu solenemente.

— Então sabes deveras algo do mundo em que vais entrar. Sim, jovem dragão, passarás pela Mudança em dada altura dos próximos quatro anos, ou morrerás. Esta noite começaste um percurso de vida do qual não há retorno possível. Ora, eu disse aos guardas do teu pai que farias comigo a travessia para o Novo Mundo porque vi que estavam decididos a verem-te partir de Inglaterra, mas a verdade é que o teu destino mudou quando foste Marcado.

— Para melhor ou para pior? — perguntou Bryan.

— Para aquilo que dele fizeres, se for essa a vontade de Nyx — respondeu ele, enigmático, e depois continuou: — Não podes controlar se passas ou não pela Mudança, mas podes controlar onde passas os próximos anos. Se quiseres permanecer em Inglaterra, posso tratar que sejas levado para a Casa da Noite de Londres. — O Caça pôs a mão no ombro de Bryan. — Já não precisas da autorização da tua família para teres o futuro que mais desejas.

— Ou posso escolher ir contigo? — perguntou Bryan.

— Sim, mas antes de fazeres uma escolha, creio que deves ver uma coisa. — Shaw virou-se de frente para o navio, visível para Bryan apenas numa sombra enorme e sinistra pousada na água, atracado com cordas impossivelmente grossas. Como se não tivesse trabalho algum a perscrutar o manto espesso que era a noite, Shaw deu dois passos para a beira do molhe, e depois fez algo que deixou Bryan completamente intrigado. Virou-se para sul, ergueu as mãos e disse quatro palavras baixinho:

— *Fogo, vem a mim.*

De imediato, Bryan ouviu crepitar e sentiu calor no ar à sua volta. Depois ficou boquiaberto quando uma bola de fogo rodopiou entre as mãos abertas de Bryan. O vampyro atirou o fogo, como se fosse deveras uma bola, ao que Bryan via agora ser

um grande archote de pé, e o topo embebido em óleo apanhou a chama sem se fazer esperar.

— Pelas barbas do profeta! — Bryan não pôde deixar de exclamar. — Como é que fizeste isso?

Shaw sorriu.

— A nossa Deusa concedeu-me mais do que capacidade para ser Guerreiro, mas não era isso que eu queria que visses. — Shaw levantou o archote e ergueu-o diante deles, e a proa soberba de um navio enorme, de uma madeira tão escura que parecia feita da própria noite, ficou subitamente visível. Depois o rapaz pestanejou, surpreso, e apercebeu-se exatamente do que via.

— É um dragão — disse ele, a olhar para a figura de proa. Era verdadeiramente espetacular – um dragão negro, as garras estendidas, os dentes arreganhados, ferozmente pronto para afrontar o mundo.

— Pareceu-me, depois dos acontecimentos da noite, ser bom augúrio — disse Shaw.

Bryan olhou para o dragão e sentiu-se inundado por uma torrente de sentimentos que nunca antes tivera. Demorou um pouco a aperceber-se do que eram, e depois soube: entusiasmo, expectativa e anseio, tudo dentro dele para criar uma finalidade. Bryan encarou o vampyro.

— Escolho entrar no dragão.







## TERCEIRO CAPÍTULO

*Casa da Noite de Tower Grove*  
*St. Louis, 1833*

— Feliz encontro, Anastasia! Entra, se faz favor. É uma coincidência feliz que aqui estejas. Eu e Diana estávamos a partilhar o nosso contentamento por termos uma sacerdotisa de Sortilégios e Rituais tão nova para professora nesta escola, e eu ia chamar-te para te dizer o quanto me apraz a tua integração aqui em Tower Grove.

— Feliz encontro, Pandeia, Diana — disse Anastasia; levou a mão direita fechada ao coração e curvou a cabeça respeitosa-mente, primeiro à sua Sumo-Sacerdotisa, Pandeia, e depois a Diana, antes de entrar na sala grande e belissimamente decorada.

— Ora, não é preciso tanta formalidade quando não estamos entre iniciados. — Diana, professora de Sociologia dos Vampyros e parceira da Sumo-Sacerdotisa, dirigiu-se calorosamente a Anastasia, enquanto afagava uma gata malhada muito gorda deitada no seu colo, a ronronar alto.

— Obrigada — disse Anastasia, numa voz calma que a fazia parecer mais velha do que os seus vinte e dois anos.

Diana sorriu.

— Conta-nos, só cá estás há quinze dias, mas estás a dar-te bem? Já te parece um lar?

*O meu lar*, pensou Anastasia ato contínuo, *nunca teve tanta beleza nem tanta liberdade*. Depois afastou estes pensamentos e disse, educada mas sinceramente:

— Ainda não é bem como estar em casa, mas sinto que virá a ser. Gosto mesmo muito da pradaria e dos jardins luxuriantes. — O olhar de Anastasia abarcou a gata malhada e depois outro gato com riscas cinzentas que começara a enrolar-se nas pernas da Sumo-Sacerdotisa. Depois Anastasia pestanejou, admirada, por ver que os dois gatos tinham seis dedos em cada pata dianteira.

— Seis dedos? Nunca vi tal coisa.

Diana puxou uma pata ao gato malhado, a brincar.

— Há quem diga que os polidáctilos são aberrações da natureza. Eu digo que são apenas mais avançados do que gatos “normais”. Um pouco como os vampyros são mais avançados do que humanos “normais”.

— Olhem só! Até parecem mitenes. Tenho tanta esperança de que, agora que encontrei a minha Casa da Noite, uma gata me escolha também. Seria uma maravilha se tivesse seis dedos! — Depois Anastasia apercebeu-se de que estava a dar voz a pensamentos tolinhos e acrescentou apressadamente: — Claro que estou a gostar muito dos meus alunos e da minha nova sala de aula.

— Folgo em sabê-lo — disse Pandeia, a rir-se baixinho. — Não há nada de mal em desejar uma gata, quer tenha seis dedos, quer não. Jovem Anastasia, eu e Diana íamos levar o nosso vinho gelado para o terraço. Vem connosco.

— Obrigada pelo convite — disse Anastasia humildemente. Depois esforçou-se por não dizer nenhuma tolice e foi com as mulheres e os seus gatos abrir as portadas e sair para o terraço, onde o luar banhava as cadeiras e a mesa de vime, onde se via

## juramento de dragão

uma jarra de cristal com o alto-relevo de uma meia-lua e cheia de rosas vermelhas perfumadas, junto com um balde de gelo cheio e um decantador com vinho da cor das cerejas maduras. Copos também gravados com meias-luas a combinar com a belíssima jarra cintilavam à luz prateada da Lua cheia.

Rosas, gelo, vinho e cristal. *Estou habituada à simplicidade e a normas, embora ambas moderadas pelo afeto. Virei a habituar-me a tais luxos?*, ponderava Anastasia, e sentiu-se deslocada ao sentar-se numa das cadeiras, tentando não mexer no cabelo louro comprido, nem alisar o vestido obsessivamente. Nisto, pôs-se de pé num instante. — É melhor servi-la, Sacerdotisa — disse ela, com um sorriso nervoso para a Sumo-Sacerdotisa alta, majestosa, *veterana*.

Pandeia riu-se e deu-lhe uma palmadinha amável para Anastasia tirar a mão do decantador.

— Anastasia, minha filha, senta-te e recompõe-te. Sou Sumo-Sacerdotisa, sou muito capaz de servir vinho para mim e para os convidados.

Diana deu um beijo na face da parceira antes de se sentar também.

— Tu, minha querida, és mais do que capaz de muitas, muitas coisas.

Anastasia viu a cor das faces de Pandeia intensificar-se ligeiramente quando o casal partilhou um olhar cúmplice. Anastasia sentiu as próprias faces corarem quando percebeu, e rapidamente desviou o olhar. Embora tivesse passado os últimos seis anos embrenhada na sociedade de uma Casa da Noite, primeiro como iniciada, depois como sacerdotisa formanda, e agora como professora, por vezes ainda achava a sexualidade descontraída deles algo perturbante. Não raro, pensava no que a mãe acharia daquela sociedade em que as mulheres detinham o poder. Aceitaria do mesmo modo discreto e calmo com que aceitara a Marca e a Mudança da filha? Ou seria demasiado – um choque – e condenaria tudo como o resto da comunidade condenara?

— Estamos a embaraçar-te? — perguntou Diana, um sorriso na voz.

Anastasia olhou rapidamente para a Sumo-Sacerdotisa e a sua parceira.

— Oh, espírito santo, não! — balbuciou ela, e depois sentiu mesmo a cara a arder, e soube que estaria coradíssima. Parecia mesmo a mãe – e só de saber isso, deu-lhe vontade de se esconder debaixo da mesa e desaparecer num buraco.

*Já não és uma tímida rapariga Quaker*, recordou Anastasia de si para consigo. *És uma vampyra passada pela Mudança, professora e sacerdotisa*. Anastasia ergueu o queixo e tentou arvorar maturidade e autoconfiança.

Pandeia sorriu bondosamente e ergueu um dos três copos de cristal que acabara de encher.

— Gostaria de fazer um brinde. Ao teu sucesso, Anastasia, e ao término dos teus primeiros quinze dias como nossa professora de Sortilégios e Rituais. Faça votos de que venhas a gostar da Casa da Noite de Tower Grove como nós gostamos. — A Sumo-Sacerdotisa levantou a mão que não segurava no copo de vinho. Fechou os olhos e Anastasia viu-a mexer silenciosamente os lábios, e depois passar a mão por cima do ramo de rosas, como se lhes recolhesse o perfume, antes de estalar os dedos em cada um dos três copos. Maravilhada, Anastasia viu o vinho agitar-se e, por instantes, tomar a forma de uma flor perfeita.

— Oh, Deusa! O espírito da rosa – fizeste-o aparecer no nosso vinho — balbuciou Anastasia.

— Pandeia não fez aparecer o espírito da rosa. O espírito é a afinidade dela. A nossa Sumo-Sacerdotisa fez um pedido em celebração de ti, jovem Anastasia, e a rosa atendeu-o de bom grado — explicou Diana.

Anastasia exalou longamente.

— Tudo isto. — Depois calou-se e o seu olhar abarcou a mesa, as duas vampyras, os gatos regalados, a propriedade magnífica que as rodeava. — Enche-me de tais sentimentos, é como

## juramento de dragão

se o coração me quisesse saltar do peito! — Depois encolheu-se, envergonhada. — Perdoem-me. Pareço uma criança. Só quis dizer que me sinto grata por estar aqui, grata por me terem escolhido para professora nesta Casa da Noite.

— Vou contar-te um segredo, Anastasia. A afinidade com o espírito que Pandeia tem já fez com que muitos vampyros, mais velhos e mais experientes do que tu, sentissem o coração a querer saltar-lhes do peito — disse Diana. — Só que já não se permitem admiti-lo. Eu gosto da tua sinceridade. Não a percas com a idade.

— Vou tentar — disse Anastasia, e bebeu um gole de vinho enquanto tentava organizar os pensamentos — decidir exatamente como revelaria a Pandeia e Diana a verdadeira razão para ir ter com elas naquela noite. Depois arrependeu-se de bebericar o vinho. Estava obviamente temperado com sangue e o poder fervilhou nela de corpo inteiro, reavivando-lhe os nervos junto com os cinco sentidos.

— Eu também gosto da tua sinceridade — disse a Sumo-Sacerdotisa para Anastasia, entre goles de vinho, o qual parecia não a afetar de todo. — Foi uma das razões para te escolhermos para esta vaga de professora, embora só tenhas dois anos de formação em sortilégios e rituais. Fica sabendo que vieste muito bem recomendada pela Casa da Noite da Pensilvânia.

— A minha orientadora foi atenciosa, Sacerdotisa — disse Anastasia, e pousou o copo na mesa.

— Também me recordo de ela dizer que estás estreitamente ligada ao elemento terra — disse Pandeia. — Outra razão para eu te achar adequada à nossa Casa da Noite. Esta é mesmo a porta para o oeste. O mistério e a majestade da terra maravilhosa e bravia estendem-se num convite ávido diante de nós. Pareceu-me que apreciarias e acharias cativante.

— E aprecio, mas não me arrego a posse de uma afinidade propriamente dita — explicou Anastasia. — Sinto realmente uma ligação forte com a terra e, por vezes, quando sou especialmente venturosa, a terra concede-me algum do seu poder.

Pandeia assentiu e continuou a beber vinho.

— Sabes que muitas sacerdotisas só descobrem verdadeira afinidade por um dos elementos depois de servirem a Deusa muitas décadas. Ainda poderás verificar que a terra te concedeu deveras uma afinidade completa; ainda és muito jovem, Anastasia.

— Por favor não te ofendas com esta pergunta, mas que idade tens ao certo? Não pareces ter idade para já ter sido Marcada e ter passado pela Mudança — disse Diana, e moderou a pergunta assaz direta com um sorriso.

— Diana! — A voz de Pandeia era amável, mas o olhar estava toldado pela censura, e ela franzia o sobrolho à sua parceira belíssima. — Não convidei Anastasia aqui para a interrogar.

— Não, não me incomoda a pergunta, Sacerdotisa. Aliás, já me estou a habituar — respondeu ela a Pandeia. Depois virou os olhos para Diana. Anastasia ergueu o queixo um pouco. — Tenho vinte e dois anos. A minha sacerdotisa orientadora na Pensilvânia disse-me estar convicta de que eu sou a vampyra mais nova na América a ser professora. É uma honra que tentarei merecer sendo diligente e séria na sala de aula e com os meus alunos.

— Filha, não tenho dúvida alguma de que és diligente e séria, mas gostaria que fosses telúrica também — disse Pandeia.

— Telúrica? Perdoe, Sacerdotisa, não sei a que se refere.

— Ser telúrica é tomar as características da terra. Ser vibrante como um maco de flores silvestres, fértil como um campo de trigo, sensual como um pomar de pêssegos maduros. Não estar simplesmente em sintonia com a terra, mas deixar-se também absorver as suas maravilhas.

— E não te esqueças de que és uma sacerdotisa e professora vampyra. Não há necessidade de te vestires como uma mestre-escola humana oprimida — acrescentou Diana.

— Eu... eu não quero parecer frívola — admitiu Anastasia, hesitante, a olhar para baixo, para o corpete simples de gola alta e

## juramento de dragão

a saia comprida e direita que usava – e que detestava – desde que entrara na Casa da Noite de Tower Grove e começara a lecionar duas semanas antes. — Estou tão perto da idade dos meus alunos que por vezes custa-lhes lembrarem-se de que sou professora.

Pandeia assentiu, pois compreendia.

— Mas a verdade é simples, e estás *realmente* perto da idade de muitos dos iniciados. Aconselho-te a fazeres disso uma vantagem, e não algo com que tenhas de lutar.

— Concordo — disse Diana. — Usa a tua juventude positivamente, em vez de tentares escondê-la com roupa que gente mais velha com bom gosto nunca pensaria sequer em usar... — Diana calou-se e fez um gesto para o vestido fluido ao estilo grego que usava, e depois para as calças justas de cintura subida ao estilo gaúcho e a blusa de renda branca muito decotada que a sua parceira trajava.

— Anastasia, o que Diana está a tentar dizer é que não há nada de mal em ser jovem. — Pandeia retomou a conversa. — Tenho a certeza que as iniciadas se sentem à vontade a conversarem contigo sobre assuntos que nunca teriam coragem de abordar connosco.

Anastasia suspirou de alívio, pois via a oportunidade perfeita de dizer o que lhe ia na ideia.

— Sim, já se revelou verdade. Foi por isso, aliás, que vim ter convosco esta noite.

Pandeia franziu o sobrolho.

— Há problemas entre os alunos de que eu deva ter conhecimento?

— Queres dizer, além de Jesse Biddle? — Diana proferiu o nome como se lhe deixasse um gosto amargo na boca.

— Biddle é problema de nós todos, vampyros e alunos, especialmente desde que os equivocados humanos de St. Louis fizeram dele xerife — disse Pandeia. Depois semicerrou os olhos, a observar Anastasia. — Ele tem andado a assediar os iniciados?

— Não, que eu saiba, não. — Anastasia calou-se, e engoliu a

secura que sentia na garganta, a tentar organizar os pensamentos para que a Sumo-Sacerdotisa desse valor às suas palavras. — Os iniciados não gostam do Xerife Biddle, mas não é ele o cerne da nossa conversa. Na minha opinião, há um iniciado que está a trazer problemas à Casa da Noite.

— Quem é que te preocupa tanto?

— O iniciado a quem chamam Dragão Lankford — respondeu Anastasia.

As duas vampyras ficaram caladas, e Anastasia viu que o silêncio se arrastava. Depois pareceu que Diana tentava esconder um sorriso com um longo trago de vinho, e Pandeia olhou para Anastasia de sobranceira erguida, e perguntou:

— O Dragão Lankford? Mas ele tem estado fora de Tower Grove, nos Jogos Vampyricos, estas duas semanas. Vocês nem sequer se conheceram, mas dizes que ele te está a trazer problemas?

— Não, não é a mim que traz problemas. Bom, calculo que o problema tenha a ver comigo, embora não seja objetivamente meu. — Anastasia esfregou a testa. — Esperem, vou reformular. A Pandeia perguntou se havia problemas entre os alunos de que eu saiba, porque não sou muito mais velha do que os iniciados e eles se sentem à vontade a conversar comigo. A resposta é sim, tenho conhecimento de um problema, e surgiu com aquilo a que só posso chamar uma obsessão com o quintanista a que os alunos chamam Dragão.

Diana já não tentou esconder mais o sorriso.

— Ele é dinâmico, e muito popular, especialmente junto das iniciadas.

Pandeia assentiu.

— Nem de propósito, ele acabou de vencer todos os adversários, iniciados e vampyros, no cobiçado título de Mestre de Esgrima nos Jogos Vampyricos. É quase inédito na nossa história que um iniciado ganhe esse título.

— Sim, eu sei da vitória dele. As raparigas hoje não falaram de outra coisa — disse Anastasia secamente.

## juramento de dragão

— E consideras isso um problema? A perícia do Dragão com a espada já é impressionante, e ainda lhe falta passar pela Mudança — observou Diana.

— Embora não me admire nada se as tatuagens lhe aparecerem dentro em breve — acrescentou Pandeia. — Concordo com a Diana; não há nada de invulgar no facto de as raparigas andarem entretidas com o Dragão. — A Sumo-Sacerdotisa sorriu. — Quando o conheceres, também compreenderás.

— Não é o andarem entretidas que me preocupa — explicou Anastasia rapidamente. — É o facto de que, no final das aulas, um total de quinze iniciados, treze raparigas e dois rapazes, terem vindo pedir-me, um de cada vez, sortilégios de amor para atrair o Dragão Lankford.

Anastasia ficou aliviada por, desta vez, o silêncio das duas mulheres dar lugar a expressões de choque e surpresa, e não de divertimento.

Finalmente Pandeia falou.

— São notícias que me desapontam, mas não são trágicas. Os iniciados sabem da minha política contra sortilégios de amor: são uma tolice e podem ser perigosos. O amor não pode ser encantado nem coagido. — A Sumo-Sacerdotisa abanou a cabeça, obviamente aborrecida com os iniciados. — Diana, gostaria que desses uma aula, na semana que vem, sobre o que acontece quando se confunde obsessão com amor.

Diana assentiu.

— Talvez deva começar pela história de Hércules e sua obsessão pela Sumo-Sacerdotisa vampyra Hipólita, e o trágico fim que ambos tiveram. É uma história com moral que todos deviam conhecer, mas de que obviamente já se esqueceram.

— Excelente ideia. — Pandeia virou os grandes olhos castanhos para Anastasia. — Depreendo que a tua resposta a tais pedidos impróprios tenha sido recordar aos iniciados que não farás sortilégio de amor algum em nome deles.

Anastasia respirou fundo.

— Não, Sacerdotisa. Não foi essa a minha resposta.

— Não foi a tua resposta! Mas por que razão... — começou Diana, mas a parceira ergueu a mão para ela se calar.

— Explica-te — foi só o que a Sumo-Sacerdotisa teve a dizer.

Anastasia fitou a vampyra sem vacilar.

— Eu também não vejo utilidade em sortilégios de amor. Mesmo quando fui Marcada e comecei a mostrar talento para sortilégios, o meu instinto disse-me que os de amor eram desonestos. Sou inexperiente, mas não sou ingénua. Sei que o amor não pode coexistir com a desonestidade.

— Perspicaz, mas não serve de explicação — disse Pandeia.

A jovem professora endireitou-se muito e passou a olhar para Diana.

— Chamou “dinâmico” e “popular” ao iniciado Lankford, não foi?

— Foi.

— Também lhe chamaria arrogante?

Diana encolheu um ombro.

— Calculo que sim, mas não é invulgar. Muitos dos nossos Guerreiros mais talentosos têm alguma arrogância.

— *Alguma* arrogância, sim, mas não costuma ser moderada pela experiência e o autodomínio de um vampyro adulto? — perguntou Anastasia.

— Costuma, deveras.

Anastasia assentiu e voltou a olhar para a Sumo-Sacerdotisa.

— Tem-se falado muito deste Dragão. E eu tenho escutado. Têm razão quando dizem que não o conheço, mas aquilo que ouvi do Dragão Lankford faz-me concluir que ele confia mais na espada e no sorriso do que na sabedoria e na sensatez. O instinto diz-me que, se os meus alunos entusiasmados vissem o iniciado por aquilo que ele realmente é, não tardariam a perder o interesse.

## juramento de dragão

— O que foi que disseste aos iniciados? — inquiriu Pandeia.

— Disse-lhes que não poderia ir contra as normas desta Casa da Noite e invocar sortilégios de amor, mas que poderia criar um sortilégio de atração para cada um deles.

— A distinção entre sortilégio de amor e sortilégio de atração não é fácil — observou Diana.

— Pois não, e depende da clareza, da honestidade e da verdade — salientou Anastasia.

— Mas eu tenho a sensação de que cada aluno que foi ter contigo estava a ser claro, honesto e verdadeiro quanto ao facto de querer o amor do Dragão Lankford — disse Pandeia, claramente desapontada com a sua jovem professora. — Por conseguinte, invocar um sortilégio de atração para com o Dragão resultará como um sortilégio de amor. A semântica é a única coisa que difere entre os dois.

— Seria verdade se o sortilégio fosse invocado sobre o Dragão. O meu sortilégio de atração será invocado sobre cada um dos alunos que mo veio pedir.

O desapontamento de Pandeia passou a um sorriso satisfeito.

— Tencionas que o sortilégio faça os iniciados verem o Dragão com mais clareza.

— Atrairá para cada um deles uma visão do iniciado Lankford que seja honesta e verdadeira, e não toldada pelo entusiasmo infantil de um ego fanfarrão e um sorriso bonito.

— Pode dar certo — opinou Diana. — Mas será preciso destreza e discrição para o sortilégio.

— O instinto diz-me que a nossa jovem professora tem ambas as competências — disse Pandeia.

— Agradeço a confiança em mim, Sacerdotisa! — Anastasia quase exclamava de alívio. Depois levantou-se. — Com a vossa licença, gostaria de invocar o sortilégio esta noite, durante a Lua cheia.

Pandeia assentiu.

— É a altura perfeita para dar fim às coisas. Tens a minha licença, Filha.

— É minha intenção pôr um fim nos entusiasmos perniciosos esta noite — disse Anastasia; levou a mão fechada ao coração e fez uma vénia à Sumo-Sacerdotisa e à sua parceira.

— Talvez não ponhas fim a todos os entusiasmos pelo Dragão esta noite. Pode ser que alguém se sinta atraído por tanta arrogância e encanto sorridente e egocêntrico — ainda disse Diana.

— Então essa pessoa merece exatamente o que lhe for ao caminho — resmungou Anastasia.